



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – 2019.2
LÍNGUA PORTUGUESA IV – SEMÂNTICA
PROFA. DR.^a MORGANA SOARES**



**ALUNAS(OS): CARLA CRISTINA PEREIRA DE BARROS;
JASMYNNE SOUZA TORQUATO DE ALBUQUERQUE;
JOSÉ DIEGO SILVA DE VASCONCELOS.**

BANCO DE TEXTOS

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é servir como material de suporte para aulas de semântica. Orientados pela Profa. Dr.^a Morgana Soares da Silva, à frente da disciplina Língua Portuguesa IV (Semântica) do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns, no semestre letivo 2019.2, desenvolvemos este trabalho com base na proposta de Mendonça (2003) para a produção de um Banco de Dados para Materiais Didáticos (BMDs).

Este trabalho traz um leque de opções com textos autênticos, coletados em situações da nossa rotina, para ser trabalhados em sala de aula. Além disso, traz ainda sínteses e resenhas de teorias semânticas e definições de fenômenos semânticos à luz de diferentes autores e perspectivas.

A escolha de gêneros textuais veiculados em nossa sociedade aproxima os alunos do objeto de estudo, fazendo-os perceber os diversos fenômenos semânticos empregados na comunicação do dia a dia. Trabalhar com os efeitos de construção do sentido (e com os efeitos que eles nos causam) aguça a nossa visão. Um(a) aluno(a) que estuda Semântica a partir de textos como estes provavelmente nunca mais olhará aquele *outdoor* que fica no seu caminho para a escola com os mesmos olhos; tampouco um(a) professor(a) que veja o quanto é produtivo trabalhar com materiais assim não pense em fotografar um texto interessante que encontre, para utilizar em uma aula.

Esperamos, com este trabalho, gerar reações do tipo “Nossa! Nunca pensei que poderia trabalhar um texto como esse de forma tão proveitosa!”. Será normal este tipo de choque! Aliás, “Choque não. Surpresa muito agradável”, como disse Rodolfo Ilari, no prefácio do livro *Semântica, semânticas*, de Ferrarezi & Basso (2013).

2. DIFERENTES PERSPECTIVAS; DIFERENTES SEMÂNTICAS

Quando falamos em “Semântica”, duas perguntas vêm logo à nossa cabeça: **o que é a Semântica e o que ela estuda?** Para Cançado (2013), **Semântica** trata do “[...] estudo do significado das línguas” (CANÇADO, 2013, p. 17). Quanto à definição do objeto, segundo Marques (2011), há um problema: a definição do objeto de estudo da Semântica parte das diversas definições de *significado*. Para a **Semântica Formal**, por exemplo, o **sentido** se dá pela sua **referência** no mundo. Para a **Semântica da Enunciação**, o **significado é relativo**, e não universal. Já para a **Semântica Cognitiva**, o sentido se dá pela **relação psico-sensorial** com o objeto empírico. “Não se tem uma resposta inequívoca para a pergunta “o que é significado?”. As respostas são múltiplas e divergentes. Os especialistas sequer conseguem concordar quanto à terminologia mais usual. Significado, sentido, significação recebem interpretações diferentes, que variam segundo as correntes de pensamento, a época, a teoria, os autores em que ocorrem, as finalidades ou a área de conhecimento em que são empregados” (MARQUES, 2011, p.15).

Quantos sentidos tem um texto? Oliveira (2012) nos elucida sobre **Significado literal e interpretação textual**. Os textos possuem sentido antes de serem lidos, existem significados literais no texto? Para Humpty Dumpty (*apud* OLIVEIRA, 2012, p. 141), não há limites semânticos, mas há limites para interpretações do leitor. E um fator que impõe limites ao leitor é o próprio texto, pois o texto traz os significados literais que o autor nele coloca em consonância com os limites a ele impostos pelas convenções criadas pela comunidade linguística. Para Stanley Fish (2000, p.14 *apud* OLIVEIRA, 2012), no final das contas, nem é o texto nem o leitor quem dá significado ao texto, mas [...] sim as convenções da comunidade interpretativa da qual o leitor participa.

Sobre o sentido da expressão “**sentido literal**”, Oliveira (2012) afirma que o literal não é o único sentido existente, de todos associados a palavras, às frases, a textos. Há consenso total sobre o fato de que há sentidos não literais: metafóricos, metonímicos, os implícitos, indiretos, produzidos no instante mesmo da enunciação, fruto da interação, atribuídos pelo leitor etc. Para Câmara Jr. (*apud* OLIVEIRA, 2012) “As línguas não se destinam a dizer uma verdade que seja relativa as coisas “em si”. O que caracteriza a literalidade de um sentido é sua inversão numa cultura e não o fato de que uma palavra expressa essência”.

Esperamos que, depois de ler este banco, nunca mais um(a) professor(a) diga em uma aula sobre **Sinônimos** que tratam-se de palavras que podem substituir outras sem alteração de sentido, generalizando. Ao menos depois de ler Lyons (2013), pois seu conceito de **Sinonímia Absoluta** praticamente nega a existência de sinônimos absolutos e diz que ela ocorre se, e somente se, os lexemas tiverem a mesma distribuição e forem completamente sinônimos em todos os seus significados (descritivo, expressivo e social) e contextos de ocorrência. Lyons (2013) reconhece que esse fenômeno, tal qual foi definido, “é praticamente inexistente” nas línguas naturais, ficando “provavelmente restrita a um vocabulário altamente especializado que é puramente descritivo” (LYONS, 2013, p. 121).

Para Fiorin (2005), na **sinonímia** não existem **sinônimos perfeitos**; por mais que um possa substituir outro, tudo pode mudar de acordo com o **contexto**, pois, como o próprio autor defende, “mesmo quando os termos podem substituir-se no mesmo contexto suas condições de emprego discursivas são distintas” (FIORIN, 2005, p.126). Concordamos quanto a estas afirmações. Embora palavras sinônimas tenham sentidos aproximados, existem vários fatores que orientam entre a escolha de uma palavra em vez de outra; além disso, a substituição de uma pela outra não mantém exatamente o mesmo sentido. Uma forma do professor demonstrar que não existe sinonímia absoluta seria, durante a leitura de um texto, substituir algumas palavras por outras, consideradas sinônimas, para discussão sobre a continuidade do sentido.

Em relação à **hiperonímia** e à **hiponímia**, Fiorin (2005) constata que “são fenômenos derivados das disposições hierárquicas de classificação próprias no sistema lexical” (FIORIN, 2005, p. 128). O autor também defende a ideia de que as definições de hiponímia e hiperonímia dependem de uma relação de englobamento que é construída pelo discurso. Em relação a esses dois fenômenos, Fiorin (2005) consegue ser mais claro e didático que Lyons (2013).

Segundo Fiorin (2014), **metáfora** e **metonímia** não são apenas substituição de uma palavra por outra, como explica a retórica clássica. “Essas definições são insuficientes, pois metáfora e metonímia são procedimentos discursivos de constituição do sentido. Nelas o narrador rompe, de maneira calculada, as regras de combinatória das figuras, criando uma impertinência semântica, que produz novos sentidos. Assim, metáfora e metonímia não são a substituição de uma palavra por outra, mas uma outra possibilidade, criada pelo contexto, de leitura de um termo” (FIORIN, 2014, p. 118). Segundo Fiorin (2014), haverá ocorrência de metáfora quando houver uma intersecção de traços semânticos entre duas possibilidades de leitura; já a metonímia ocorrerá quando entre as duas possibilidades de leitura existir uma relação de inclusão.

Monnerat (2011) defende dois tipos básicos de mudança de sentido: a **metáfora**, que provém de uma relação de semelhança entre o significado de base e o significado que é acrescentado, e a **metonímia**, que provém de uma relação de contiguidade entre eles. Ao analisarem a metáfora de uma maneira mais aprofundada, Lakoff e Johnson (1980 *apud* MONNERAT, 2011), privilegiaram, na análise das metáforas, dois grandes grupos: **metáforas orientacionais** e **metáforas ontológicas**. “As *metáforas orientacionais* baseiam-se em nossa experiência física e cultural e recebem esse nome porque a maioria delas relaciona-se à orientação espacial: para cima/para baixo; dentro/fora, à frente/atrás[...]” (MONNERAT, 2011, P. 196); já as “*metáforas ontológicas*, por sua vez, relacionam-se a experiências com objetos físicos [...] (especialmente nossos corpos) [...]. Nesse sentido, são comuns ideias como: “a mente é uma máquina”, “teorias e argumentações são construções” [...]” (MONNERAT, 2011, P. 196-197).

Para Cançado (2013), a **vagueza** gera **ambiguidade**. São fenômenos semânticos que só podem ser resolvidos no contexto. Na **vagueza**, o contexto pode acrescentar informações que não estão específicas no sentido e, em exemplos de **ambiguidade**, o contexto especificará qual o sentido a ser relacionado. O fenômeno semântico de vagueza está associado a expressões que fazem referências apenas de uma maneira aproximada,

deixando o contexto acrescentar as informações não especificadas nas expressões vagas. A diferença entre as duas é que para a ambiguidade o contexto tem a função de selecionar qual dos possíveis sentidos será utilizado; para a vagueza, o contexto pode apenas acrescentar alguma especificidade que não está contida na própria expressão.

Lyons (2013) afirma que “Tradicionalmente se diz que os **homônimos** são palavras diferentes (isto é, lexemas) com uma forma igual. Como os lexemas podem ter em comum mais de uma forma, e não é raro que tenham uma ou mais, mas não todas [...], a definição tradicional de homonímia claramente precisa de um refinamento que permita vários tipos de homonímia parcial” (LYONS, 2013, p. 119).

Também segundo Lyons (2013), “A **polissemia (ou significado múltiplo)** é uma propriedade de lexema simples, e aí está a diferença, a princípio, entre a **homonímia e polissemia**” (LYONS, 2013, p. 120). Lyons (2013) reforça ainda que “A principal consideração é a de haver relação entre significados. Os vários significados de um lexema polissêmico único [...] são normalmente tidos por relacionamento entre si; se tal condição não fosse satisfeita, o lexicógrafo falaria homonímia e não polissemia[...]” (LYONS, 2013, p. 120). Lyons (2013) diz que “A única forma de resolver, ou talvez de delimitar, o problema tradicional da homonímia e da polissemia é abandonar totalmente os critérios semânticos, na definição do lexema, contando apenas com os critérios sintáticos e morfológicos”, mas, em seguida, ressalta: “A maior parte dos linguistas não estaria a favor de uma solução assim tão radical. Entretanto, ela é teórica e praticamente mais sustentável do que sua alternativa” (LYONS, 2013, p. 120). Nós também não concordamos com essa solução, pois abrir mão dos critérios semânticos é abrir mão da “alma” das palavras.

Concordamos com Lyons (2013) quando o mesmo diz que “a distinção entre homonímia e polissemia, embora suficientemente fácil de ser formulada, é difícil de ser aplicada com coerência e segurança” (LYONS, 2013, p. 120) e que “o problema dessa distinção é, em princípio, insolúvel” (LYONS, 2013, p. 120).

Existe diferença entre **Referência** e **Referenciação**. Koch (2004) considera **referência** como “[...] aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*” (KOCH, 2004, p. 57). Já **referenciação** compõe uma atividade discursiva que consiste na “construção e reconstrução desses objetos-de-discurso” (KOCH, 2004, p. 60) e que estes “[...] não se confundem com a realidade extralingüística, mas se (re)constroem-na no próprio processo de interação” (KOCH, 2004, p. 61).

Para Cançado (2013), a **referência** é tida como um fenômeno que alcança o objeto no mundo quando uma expressão da língua é utilizada para se referir a esse objeto específico. Como esse fenômeno lida com as relações existentes entre a língua e o mundo, pode ser considerada uma relação entre expressões e aquilo que elas representam em ocasiões particulares. Ela a define ainda como “uma relação entre expressões e objetos extralingüísticos” (CANÇADO, 2013, p. 27).

Com base nos estudos de Frege (1892), Cançado (2008) considera **sentido** como “o modo no qual a referência é apresentada, ou seja, o modo como uma expressão lingüística nos apresenta a entidade que ela nomeia” (CANÇADO, 2008, p. 81). O **sentido** é aquilo que quando nos é dita uma simples frase, como por exemplo “o carro”, nos vem imediatamente a cabeça “automóvel ou meio de locomoção”. É o que Frege (1892 *apud* CANÇADO, 2008, p. 81) considera como entender o significado de algo, uma vez que relacionamos esse sentido com sua **referência no mundo**. Cançado (2008) também faz uma ressalva sobre essa relação entre sentido e referência: “uma teoria semântica que lide com a noção de referência deve incluir, necessariamente, o conceito de sentido ao tentar explicar o significado das expressões de uma língua” (CANÇADO, 2008, p. 87).

Trazemos também a **Semântica global**, com Fossey (2006). Com base teórica em Maingueneau sobre Semântica global, Fossey (2006) faz o estudo de duas revistas e de como os discursos se moldam de acordo com o tipo de público que elas planejam atingir. O um dos focos do estudo de Fossey (2006) é o discurso direto e ao longo da pesquisa. A autora constata que uma das revistas usa bem mais essa ferramenta, pois busca provar a legitimidade de seu material, já a outra, por estar diretamente ligada a uma agência que financia pesquisas, não se preocupa tanto com trazer essa legitimidade dentro do discurso, pois o fato de ser financiada por essa agência já traz uma certa garantia disso. Fossey (2006) traz uma tabela em seu trabalho, na qual deixa claro essas diferenças entre as duas revistas, principalmente em relação ao discurso direto. Então, ao ler, fica claro que existem sim diferença entre esses discursos, como Maingueneau (2005) defende em sua teoria sobre a semântica global, “Um conjunto de regras – poucas ou mais ou menos simples – que rege todas as dimensões do discurso e que funciona como uma rede de restrições” (MAINGUENEAU, 2005 *apud* FOSSEY, 2006, p. 93), deixando claro também que esse conjunto de regras realmente existe e é aplicado.

Fiorin (2014) traz a **Semântica Discursiva**. A **Semântica do Discurso** engloba, a partir da intenção do enunciador, o teor ideológico de seus discursos. “O enunciador pode combinar figuras com o tema do discurso de tal maneira que chame a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica (FIORIN, 2014, p. 120). Fiorin (2014) discorre sobre os **Percursos Figurativos** e **Percursos Temáticos**. Sobre os percursos figurativos, Fiorin (2014) diz que “[...] verificamos que as figuras estabelecem entre si relações, formam uma rede. Aliás, devemos ter sempre presente que texto quer dizer tecido. O que interessa, pois, na análise textual é esse encadeamento de figuras, esse tecido figurativo. Ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constituem” (FIORIN, 2014, p. 97). Quanto aos percursos temáticos, Fiorin (2014) elucida: “Para que um conjunto de figuras ganhe sentido, precisa ser a concretização de um tema, que, por sua vez é o revestimento de enunciados narrativos. Por isso, ler um percurso figurativo é descobrir o tema que subjaz a ele” (FIORIN, 2014, p. 97).

Segundo Fiorin (2014), “os principais procedimentos de combinação de figuras ou temas [...] estudados pela retórica clássica são a **antítese**, o **oxímoro** e a **prosopopeia**” (FIORIN, 2014, p. 120). **Antítese**: “instauração de oposições figurativas ou temáticas num determinado texto. É indispensável lembrar que só podem opor-se elementos semânticos que tiverem algum traço em comum” (FIORIN, 2014, p. 120).

Oxímoro: “Quando se unem figuras ou temas contrários ou contraditórios numa mesma unidade de sentido[...]” (FIORIN, 2014, p. 122). **Prosopopeia:** “A combinação de qualificações ou funções que possuem determinado traço semântico com um elemento que apresente um traço contrário ou contraditório é um mecanismo retórico que produz diferentes unidades. A mais conhecida é a prosopopeia (personificação), em que se atribuem qualificações e funções que têm o traço /humano/ a um elemento que não tem o traço /não humano/, que, assim, é humanizado” (FIORIN, 2014, p. 123). Estes fenômenos são bem abundantes nos textos e muito produtivos para se trabalhar em sala de aula, principalmente no desenvolvimento de textos publicitários.

Finalizando, gostaríamos de destacar o quanto foi gratificante trabalhar com os fenômenos semânticos¹, vendo como cada um se comporta — fenômenos que fazem parte da comunicação nossa de cada dia, passando, muitas vezes, despercebidos e/ou desprovidos de uma análise. Contudo, não negamos: ler toda a demanda de textos que embasaram este trabalho foi cansativo; mas, como diz um ditado popular, “o que é escrito sem esforço é lido sem prazer”. Além disso, todo o aprendizado adquirido durante o desenvolvimento deste trabalho nos acompanhará muito além deste banco de textos, estando nós em uma sala de aula ou à frente de uma.

3. ENSINO DE SEMÂNTICA QUE FAÇA SENTIDO

É preciso levar o ensino de Semântica como algo que conste entre as prioridades. Em manuais de Língua Portuguesa mais antigos, os fenômenos semânticos chegavam a ser colocados nos Apêndices (cf. TERRA, 1995) e tratados como figuras e/ou vícios de linguagem. O que sabemos é que estes fenômenos vão muito além, exercendo um papel de suma importância na significação nossa de cada dia. Caso contrário, seriam dispensáveis e, provavelmente, entrariam em desuso.

Oliveira (2012) traz, em seu trabalho sobre semântica e ensino, diversos exemplos de como trabalhar esses fenômenos semânticos de uma maneira mais efetiva e didática. Indo além do apenas apontar, ressalta a importância de fazer com que os alunos entendam como eles se organizam e afirma que “um fator importante para o sucesso na produção e na compreensão de textos é estar o mais consciente possível a respeito das estratégias utilizadas nesses dois processos textuais” (OLIVEIRA, 2012, p.165). Fica claro que, para que o ensino seja eficaz, temos que fazer com que os alunos tenham consciência do que estudam e trazer exemplos e exercícios mais palpáveis, para que assim eles consigam entender de maneira completa os fenômenos de sua própria língua.

Com Almeida (2012), vemos como utilizar **jogos em sala de aula**. Essa iniciativa é uma forma para que os professores possam incentivar os alunos a estudarem e principalmente a lerem de forma mais interativa. Nos últimos tempos, com tantas transformações, também foi importante a mudança de visão na forma de

¹ Deixamos um convite para notar alguns desses fenômenos sendo empregados no título de alguns textos que compõem este Banco, como nos textos 2, 8 e 9.

ensinar aprender. É nítido que é preciso estar aberto a novas formas de trabalho em sala de aula, pois, enquanto ficasse apenas na exposição de conteúdo, a turma apenas veria professores desestimulantes à sua frente. Baseado em leituras e experiências com classe dos primeiros ciclos de ensino fundamental, Almeida (2012) observou que não há tempo nem idade para “brincar” e isso vem se confirmando com um instrumento indispensável à aprendizagem: o jogo. Esse recurso se mostra bem interessante para se propor em sala de aula, por ser uma forma de prender a atenção dos alunos ao assunto, de uma forma mais agradável para eles, pois irão aprender “brincando”, levando em consideração que a maneira com que a criança aprende faz com que ela se desenvolva melhor, tanto oralmente quanto na escrita.

4. VALE A PENA CONFERIR

Complemente a leitura com o trabalho “Referenciação: um fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes para o ensino da leitura e da escrita”, de Geralda de Oliveira Santos Lima. Com o intuito de mostrar e explicar o funcionamento da linguagem humana em situações de interação, o trabalho aborda o tema em questão de uma maneira bem interessante e didática.

Disponível em:

http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/11491813032017Fundamentos_para_o_Ensino_da_Leitura_e_da_Escrita_Aula_05.pdf

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de C. S. **Jogos nas aulas de português: linguagem, gramática e leitura.** Petrópolis: Vozes, 2012, cap. 4-11, 23-24, 31-32.

ANTUNES, I. Particularidades sintático-semânticas da categoria de sujeito em gêneros textuais da comunicação pública formal. In: MEURER, J. L; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais.** Bauru: EDUSC, 2002, p. 215-24.

CANÇADO, M. **Manual de semântica:** noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p. 81-82.

_____. **Manual de semântica:** noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2013, p. 17-28.

FIORIN, J, L. **Introdução à linguística:** princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2005

_____. Semântica discursiva. In: _____. **Elementos de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2014, p. 89-124.

FOSSEY, M. F. **A semântica global em duas revistas de divulgação científica:** Pesquisa FAPESP e Superinteressante. 124f. 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem,

Universidade de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1397/1097>, acesso em 27 de novembro de 2019.

HENRIQUES, C. C. Léxico e semântica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 121-125.

ILARI, R. Introdução à semântica: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002, p. 13-20.

_____. Referenciação. In: **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 51-79.

LYONS, J. Lingua(gem) e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 2013, p.111-144.

MARQUES, M. H. D. Iniciação à semântica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2011, p. 15-24.

MONNERAT, R. S. M. Seleção Lexical pelo Viés da metáfora no Discurso Publicitário. In: **HENRIQUES, C. C. Léxico e semântica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 191-199.

OLIVEIRA, L. A. Manual de semântica. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 138-152.

TERRA, E. Minigramática. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

TEXTO 1. O PRÉDIO PAQUERADOR



Imagen 1

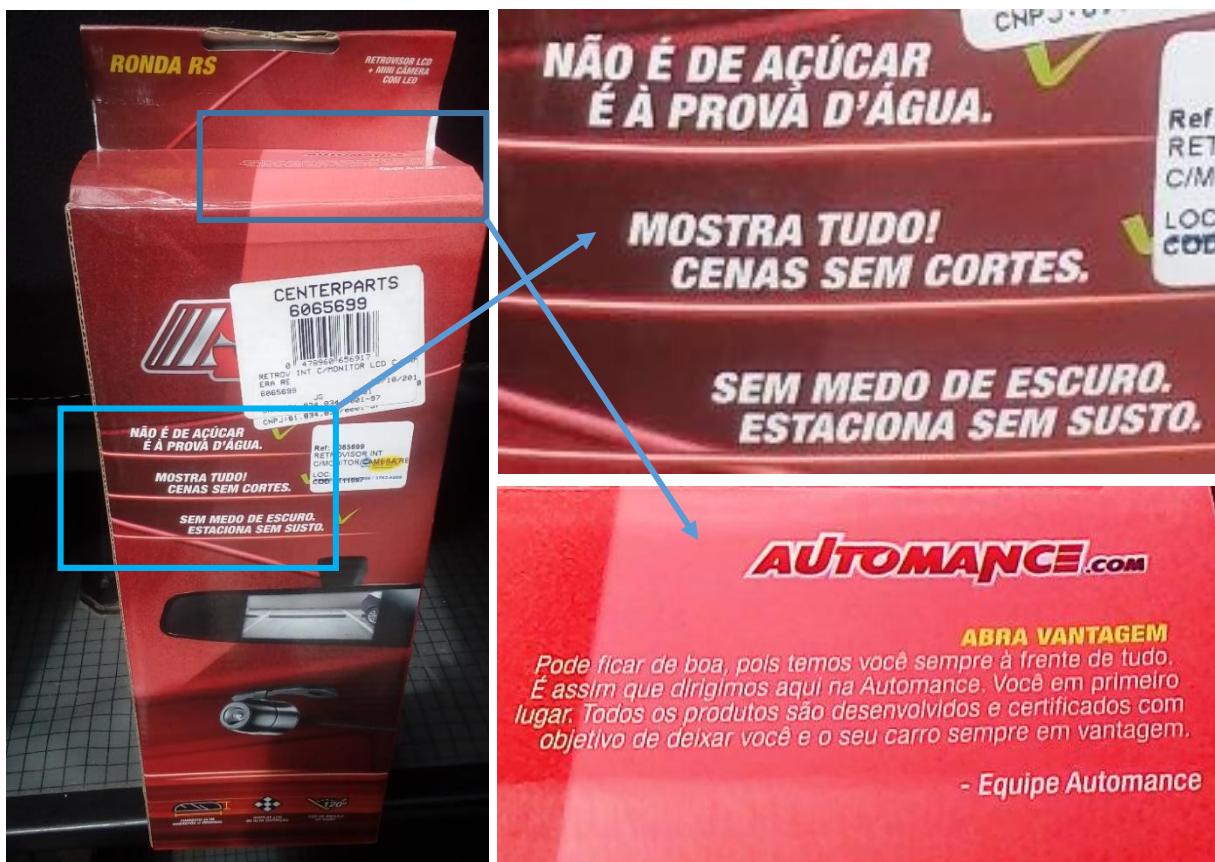


Imagen 2

FONTE: fotografias produzidas pelos autores.

CONTEXTO DE USO:	Placa de aluguel em prédio situado na Rua Dr. José Mariano, número 508, no bairro Santo Antônio, na cidade de Garanhuns-PE. Trata-se de um edifício de aparência luxuosa e, provavelmente, recém construído. A placa, de uma empresa corretora de imóveis conhecida na cidade — Mano Imóveis, aparentemente é direcionada a um público de classe social privilegiada e com interesse em um prédio para fins comerciais, como é o perfil mais comum na localidade. Imagem 1 capturada no dia 06 de outubro de 2019 e Imagem 2 no dia 23 de agosto de 2019, às 14h34min.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM Este texto aparentemente simples produz “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos [...] com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização” (KOCH, 2002). Possíveis abordagens: a construção do SUJEITO (que no caso se dá através de uma “ PERSONALIZAÇÃO ” (ANTUNES, 2002)), já que quem “fala” através da placa é o próprio prédio, e não o corretor; TEXTO e o CONTEXTO (HENRIQUES, 2011), supondo os efeitos de fixar a placa em outras coisas; texto não verbal complementando o SENIDO do verbal , na associação do “emoji apaixonado” com o texto “Quer me alugar? Me liga!”, na intenção de construir uma “imagem” que seduza o público alvo (MONNERAT, 2011); construção do sentido na logomarca da empresa (mãos postas de forma que representam a proteção, que remete ao lar; remetem à forma de uma casa e liga-se ainda à palavra “mano”, que significa “mão” em espanhol e também constitui o nome da empresa).
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Sincretismo, consumismo, direito à moradia, bairros comerciais, status social.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Propaganda; anúncio; logomarca; publicação eletrônica.

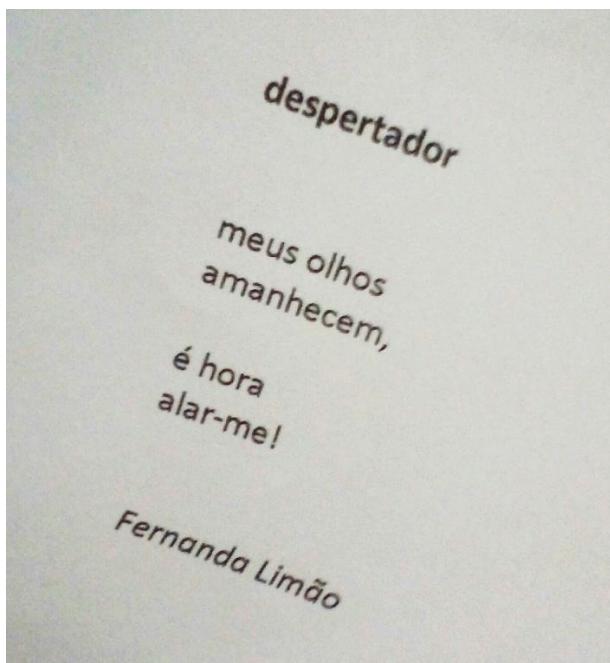
TEXTO 2. VENDO METÁFORAS COM A CÂMERA DE RÉ



FONTE: fotografia produzida pelos autores.

CONTEXTO DE USO:	Embalagem de um sistema de câmera de ré automotiva, comprada por um dos integrantes do banco de textos. Imagem capturada no dia 20 de setembro de 2019.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM Uso de METÁFORAS para construção de sentidos (“Não é de açúcar”, para dizer que não derrete com água; “Mostra tudo! Cenas sem cortes”, para dizer que não há interrupção de imagens; “Sem medo de escuro”, para dizer que possui visão noturna). Assim a empresa “constrói uma “identidade” para determinado produto a partir da seleção lexical precisa e, neste caso, pelo viés do emprego de metáforas” (MONNERAT, 2011). Na aba da caixa, usou-se ainda METÁFORA ORIENTACIONAL para dar ao consumidor uma sensação de ganhar, de “para cima”, ao escrever “Abra vantagem”, “você à frente de tudo”, “Você em primeiro lugar” (MONNERAT, 2011). “As metáforas são entendidas, geralmente, como uma comparação que envolve identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para outro (CANÇADO, 2013). Ao trabalhar TEXTO e o CONTEXTO (HENRIQUES, 2011), levantar hipóteses sobre construção do sentido, considerando o uso dessas metáforas com outros produtos; Metáforas; texto e contexto; discurso publicitário; processo de construção de sentido(s).
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Mercado competitivo; consumismo; qualidade de produtos.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Propaganda; anúncio; publicação eletrônica; embalagens de produtos.

TEXTO 3. POEMA “DESPERTADOR”, DE FERNANDA LIMÃO



FONTE: imagem produzida pelos autores.

CONTEXTO DE USO:	Poema da poeta Garanhense Fernanda Limão, publicado em uma folha simples de papel ofício, durante uma feira profissões na quadra da UFRPE - Unidade Acadêmica de Garanhuns, Avenida Bom Pastor, SN, Boa Vista, Garanhuns-PE. O arquivo de imagem data do dia 08 de novembro de 2017 e faz parte do acervo da galeria de fotos do smartphone do aluno José Diego.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM METÁFORA (“meus olhos amanhecem”, em vez de “abrem”, remetendo o abrir dos olhos ao nascer do sol). “As metáforas são entendidas, geralmente, como uma comparação que envolve identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para outro (CANÇADO, 2013); SEGMENTAÇÃO (“alar-me” - alas = asas; alar-me = me dar asas; praticamente a mesma pronúncia da palavra “alarme”) – “Chamar a atenção para casos em que a cadeia falada é passível de segmentações alternativas, orientando para a segmentação relevante em função do contexto” (ILARI, 2008); construção de sentido(s) em textos literários; uso de metáforas na poesia.
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Cultura e artistas locais (no caso, na cidade de Garanhuns); modos de divulgação de obras literárias (em especial locais e suportes).
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Poema; texto literário; publicação em mídias digitais (blog, micro blog); livro cartoneiro.

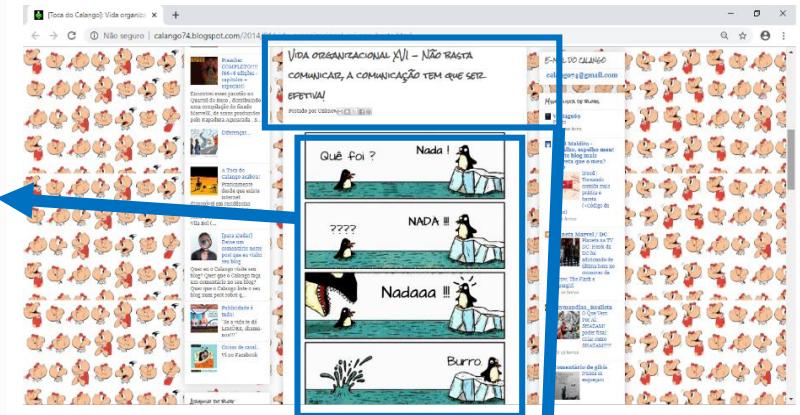
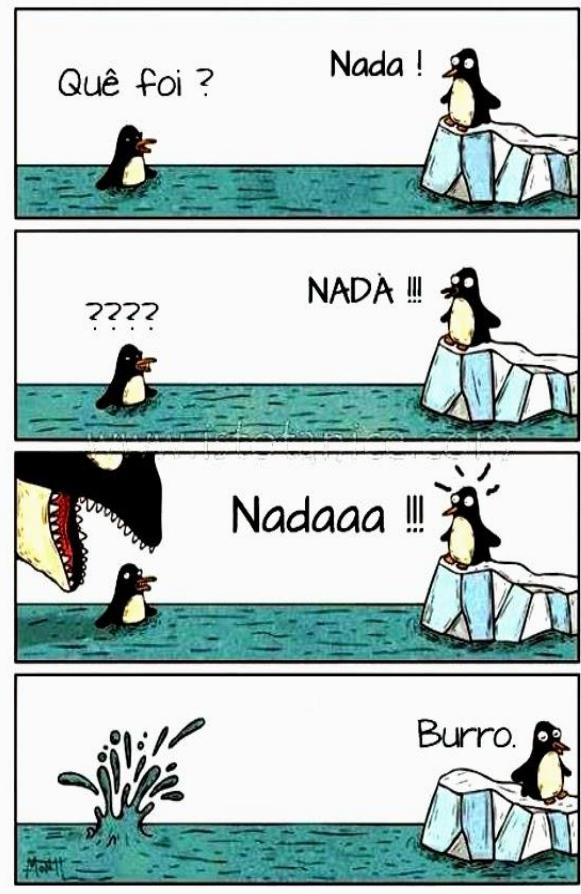
TEXTO 4. “UMA GELADA SEMPRE CAI MUITO BEM”



FONTE: imagem produzida pelos autores.

CONTEXTO DE USO:	Banner com propaganda de promoção de cerveja na lanchonete Bebelu. Imagen capturada no dia 06 de outubro de 2019, às 16h28min.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM Observa-se aqui o fenômeno da METONÍMIA , ao substituir a palavra “cerveja” por “gelada”. Isso é possível porque há o conhecimento de mundo de que a cerveja geralmente é consumida gelada, possibilitando o sentido de uma palavra ser incluído ao da outra. Mais claramente, “[...] quando entre as duas possibilidades de leitura existir uma relação de inclusão, há uma metonímia” (FIORIN, 2014, p. 118). Segundo Fiorin (2014), “[...] metáfora e metonímia não são a substituição de uma palavra por outra, mas uma outra possibilidade, criada pelo contexto, de leitura de um termo” (FIORIN, 2014, p. 118). Observa-se ainda a diferença do uso de acordo com o CONTEXTO , na construção do sentido da expressão informal “cai muito bem”; processo de construção de sentido(s); Metonímia, texto e contexto.
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Consumo de bebidas; consumismo; vida adulta; consumo de álcool; influência das mídias.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Propaganda; anúncio; publicação eletrônica.

TEXTO 5. “NÃO BASTA COMUNICAR, A COMUNICAÇÃO TEM QUE SER EFETIVA!”



**VIDA ORGANIZACIONAL XVI - NÃO BASTA
COMUNICAR, A COMUNICAÇÃO TEM QUE SER
EFETIVA!**

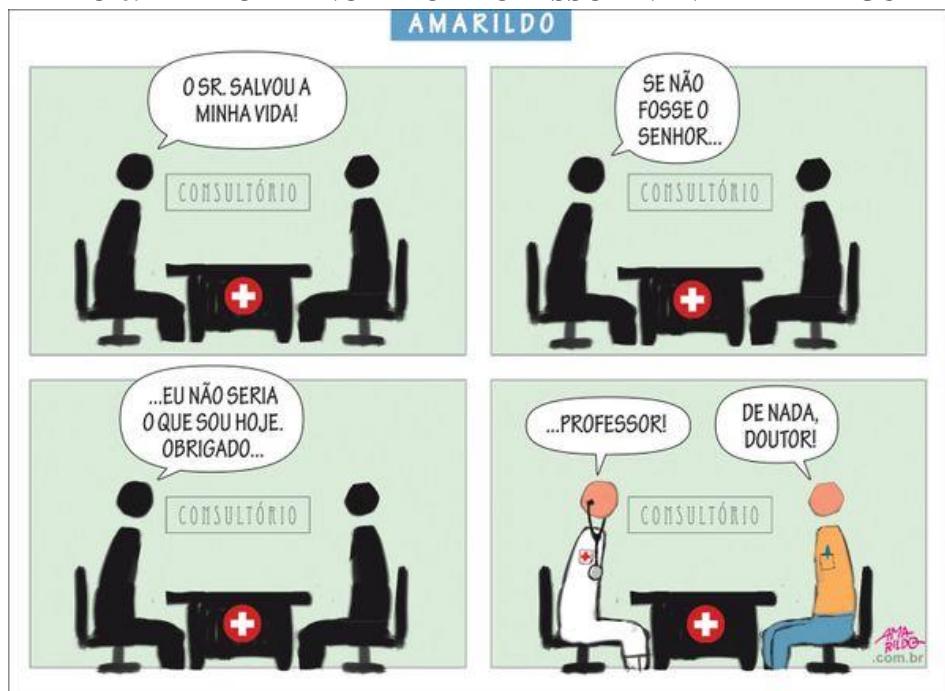
Postado por Uniknow

Disponível em:

<http://calango74.blogspot.com/2014/01/vida-organizacional-xvi-nao-basta.html>, acesso em 28 de novembro de 2019.

CONTEXTO DE USO:	Postagem do blog “Toca do Calango”, que disponibiliza conteúdo humorístico e cultura nerd, entre outros.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM Observa-se aqui o fenômeno da POLISSEMIA , quando um personagem expressa o verbo <i>nadar</i> (nada) e o outro personagem entende como o advérbio <i>nada</i> . O CONTEXTO também contribui para a criação do efeito humorístico, pois “[...]cada significação precisa depender do contexto em que se acha” (CÂMARA JUNIOR, 1974, p. 139, <i>apud</i> HENRIQUES, 2011, p. 123); a VAGUEZA e AMBIGUIDADE : na vagueza , o contexto pode acrescentar informações que não estão específicas no sentido; em exemplos de ambiguidade , o contexto especificará qual o sentido a ser relacionado (CANÇADO, 2013).
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Comunicação; interação social.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Tirinhas; charge; HQ; miniconto.

TEXTO 6. A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NA VIDA DE ALGUÉM



Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/charge/na-charge-do-amarildo-o-professor-no-medico-1019>, acesso em 28 de novembro de 2019.

CONTEXTO DE USO:	Postagem publicada no dia 15 de outubro de 2019 (Dia do Professor), às 05h00, na sessão de charges do site do jornal <i>A Gazeta</i> , do estado do Espírito Santo.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	Observa-se aqui o quanto o CONTEXTO influencia na significação do texto, visto que “[...]cada significação precisa depender do contexto em que se acha” (CÂMARA JUNIOR, 1974, p. 139, <i>apud</i> HENRIQUES, 2011, p. 123). A placa com o nome <i>consultório</i> e a <i>cruz vermelha</i> no birô, postas entre os personagens, sugerem que, ao menos, um dos dois é médico; nos três primeiros quadros, subentende-se que o médico salvou a vida do outro, como no primeiro quadro da charge, onde lê-se “O sr. salvou minha vida”, frase que faz REFERÊNCIA (KOCH, 2004) ao trabalho do médico. Contudo, no último quadinho, vê-se que a fala que aparenta ser do paciente é, na verdade, do médico, falando com seu professor. A mudança de sentidos se dá com a revelação dos personagens que compõem o contexto, dando nova significação à expressão “salvou minha vida”.
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Dia do Professor; (des)valorização do Professor; reforma da previdência; profissões; responsabilidade profissional.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Tirinhas; charge; HQ; miniconto; postagem eletrônica.

TEXTO 7. “UMA CAIXINHA DE DISTÂNCIA”



FONTE: imagens produzidas pelos autores.

CONTEXTO DE USO:	Embalagem de leite da marca Elegê. A mesma traz um <i>QR Code</i> , a partir do qual a pessoa é direcionada a uma página virtual para conhecer a história de alguém beneficiado pela empresa. Foto feita pela aluna Carla Cristina no dia 09 de outubro de 2019.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM No recorte da Imagem 2 vemos o uso de METONÍMIA , ao utilizar-se do lexema “caixinha” como uma unidade de medida. Segundo Fiorin (2014) “[...] metáfora e metonímia não são a substituição de uma palavra por outra, mas uma outra possibilidade, criada pelo contexto, de leitura de um termo” (FIORIN, 2014, p. 118). Mais especificamente, “[...] quando entre as duas possibilidades de leitura existir uma relação de inclusão, há uma metonímia” (FIORIN, 2014, p. 118).
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Realização de sonhos; doações; caridade; apoio financeiro.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Propaganda; anúncio; publicação eletrônica; embalagens de produtos.

TEXTO 8. ÁGUA, MALTE, LÚPULO E OXÍMORO.



FONTE: imagem produzida pelos autores.

CONTEXTO DE USO:	<i>Screenshot/print feito com o smartphone de um dos autores deste banco de textos, da tela do aplicativo Cifra Club, que disponibiliza cifras de músicas. O mesmo exibe propagandas em janelas pop-ups, em meio às cifras, com conteúdos diversificados. Captura de tela feita no dia 04 de dezembro de 2019.</i>
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM A <i>No primeiro recorte, vemos a ocorrência de um OXÍMORO, com a relação entre as palavras “sofisticadamente” e “simples”. Tem-se um oxímoro “Quando se unem figuras ou temas contrários ou contraditórios numa mesma unidade de sentido” (FIORIN, 2014, p. 122). No segundo recorte, observa-se o fenômeno da METONÍMIA, ao utilizar-se “A puro malte” em vez de “a cerveja”. Para Fiorin (2014), “[...] quando entre as duas possibilidades de leitura existir uma relação de inclusão, há uma metonímia” (FIORIN, 2014, p. 118).</i>
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Consumo de bebidas; consumismo; vida adulta; consumo de álcool; influência das mídias; conteúdo de janelas <i>pop-ups</i> .
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Propaganda; anúncio; publicação eletrônica; poema.

TEXTO 9. ORIENTANDO OS “NAVEGANTES”



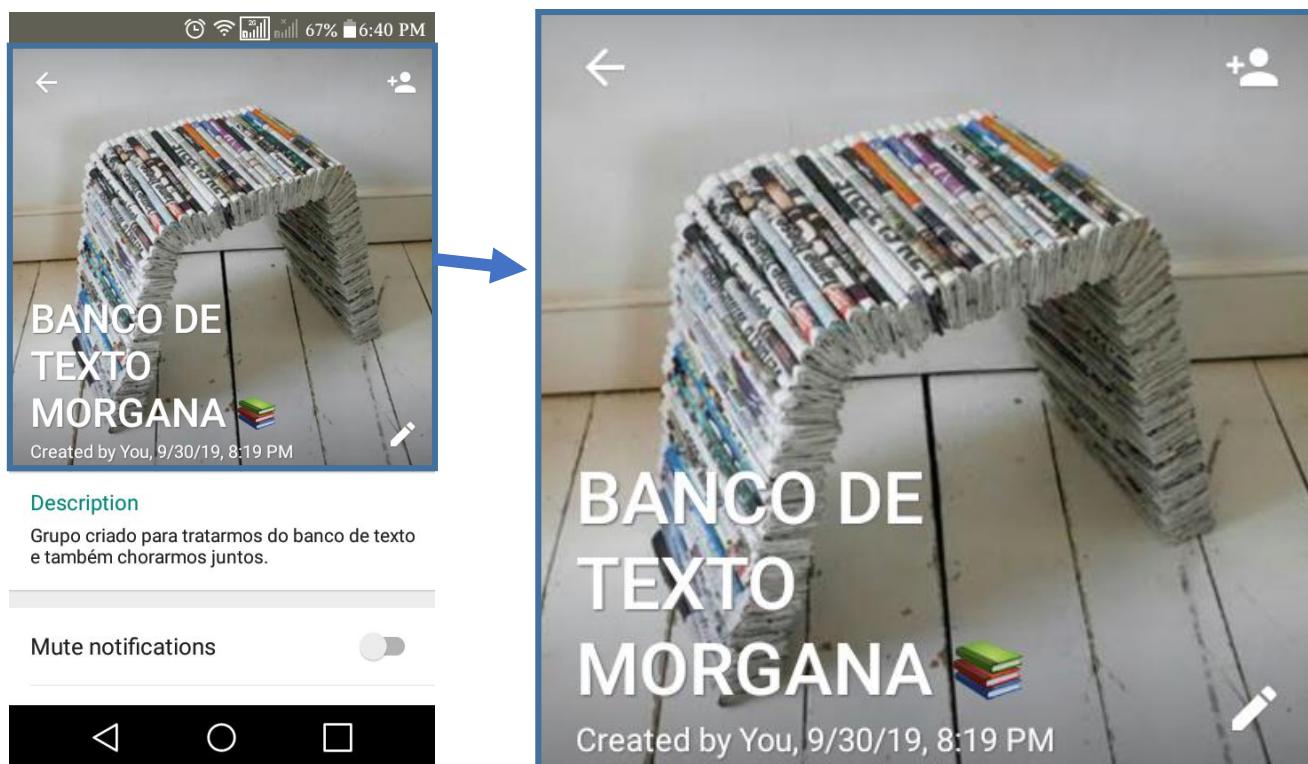
Para incentivar esse movimento de desconexão, estamos interrompendo todas as nossas atividades de comunicação digital. Segunda-feira estaremos de volta por aqui. Ótimo final de semana e aproveite o melhor das conexões reais! [#GuardeSeuMulti](#)

Chamada da postagem

Disponível em: https://scontent.fmcz2-2.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/51730720_2492952274109918_242634444991627264_n.png?nc_cat=104&nc_oc=AQnVgD6xRnWwor7RSX3jnqQeKMtcQtbtUPKPovWOocphkp-rkqEuG-ehdKVxmpZhLMbun2QZtBWblgkFA9m0ty2&nc_ht=scontent.fmcz2-2.fna&oh=482b98dea665b1bcc06eb1eae5591b9e&oe=5E1199A9, acesso em 02 de setembro de 2019.

CONTEXTO DE USO:	<i>Post</i> da empresa de eletrônicos Multilaser, em sua página do Facebook. O mesmo tem como objetivo um “movimento de desconexão”, convidando os usuários de seus <i>smartphones</i> e/ou <i>tablets</i> a aproveitarem a vida fora das telas, fora da internet.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	Vê-se o uso de METÁFORA em “navegue por novas páginas”. Refere-se à sugestão de “navegar” (“viajar”) por páginas de livros, em vez de páginas da internet. “Quando entre a possibilidade de leitura 1 e a 2 houver uma intersecção de traços semânticos, há uma metáfora” (FIORIN, 2014, p. 118). Há também o fenômeno de REFERENCIAÇÃO : “navegue por novas páginas” remete aos <i>web browsers</i> — navegadores de internet, que utilizam páginas, e também às páginas de livros, trabalhando com a “construção e reconstrução desses objetos-de-discurso” (KOCH, 2004, p. 60). Compõe ainda o TECIDO DO TEXTO a imagem de uma mulher lendo um livro na praia e a capa de um livro, <i>20 mil léguas submarinas</i> , fazendo mais um elo de ligação entre “navegar”, “páginas” e a proposta de desconexão da internet. “[...] verificamos que as figuras estabelecem entre si relações, formam uma rede. Aliás, devemos ter sempre presente que texto quer dizer tecido. O que interessa, pois, na análise textual é esse encadeamento de figuras, esse tecido figurativo. Ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constituem” (FIORIN, 2014, p. 97). POLISSEMIA com as palavras “navegue” e “páginas”.
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Tempo gasto na internet; vida real; leitura de livros; viagem através da literatura; linguagem (não) verbal.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Dissertação; propaganda; anúncio; publicação eletrônica.

TEXTO 10. BANCO DE TEXTOS



FONTE: imagem produzida pelos autores.

CONTEXTO DE USO:	<i>Screenshot/print</i> do ícone do grupo de WhatsApp, criado por um dos integrantes do presente trabalho, para tratar deste Banco de Textos. A imagem de um banco feito a partir de jornais remete ao nome do grupo, utilizando homonímia, para dar um efeito humorístico.
POSSÍVEIS SEMÂNTICOS ABORDADOS:	FENÔMENOS A SEREM HOMONÍMIA , com o jogo entre as palavras “banco” (repositório, depósito) e “banco” (assento, tamborete). “A homonímia ocorre quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados” (CANÇADO, 2013, p. 71). PERCURSO FIGURATIVO , ao analisarmos o tecido do texto, no qual temos a imagem de um banco (assento) feito com jornais (que possuem textos) que interage com o nome do grupo; “[...] verificamos que as figuras estabelecem entre si relações, formam uma rede. Aliás, devemos ter sempre presente que texto quer dizer tecido. O que interessa, pois, na análise textual é esse encadeamento de figuras, esse tecido figurativo. Ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constituem” (FIORIN, 2014, p. 97).
POSSÍVEIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS/DEBATIDOS A PARTIR DO TEXTO:	Linguagem (não) verbal; desenvolvimento de bancos de texto; texto acadêmico; aprendizagem e humor.
POSSÍVEIS GÊNEROS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL:	Tirinha; charge; propaganda; anúncio; publicação eletrônica.